

Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar

RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

"... penetrei no interior das fábricas, dos bairros e das vilas operárias do início da industrialização no país, atenta para todas as manifestações de resistência cotidiana que a imprensa anarquista noticiava, ou que puderam ser filtradas pelo discurso patronal e dos setores privilegiados em geral. As descobertas foram muitas. Ao leitor, o convite para participar desta viagem. . ."

Assim Margareth apresenta-nos, na quarta capa, seu livro. E cabe, de dentro do conjunto dos leitores da área de educação, a questão: que temos nós educadores a ver com fábricas e vilas operárias e imprensa anarquista e industrialização do início do século? A resposta pode vir de dentro da área de História da Educação, se não da educação propriamente.

Privilegio nesta resenha a resposta que parte da História da Educação, mas quero chamar a atenção para o fato de todo o material apresentado poder ser tomado como matéria-prima para reflexão em torno da questão da educação hoje.

Na verdade, o trabalho de Margareth Rago, além de ser um trabalho de ponta na moderna historiografia brasileira, é importante para a área de educação por propiciar aquilo a que chamei em outro trabalho de "leitura da História do ponto de vista da educação". E mais, expõe também farta pesquisa de fonte sobre a educação no período de 1889-1930, tendo o trabalho, assim, um caráter de história da educação propriamente dita. Vejamos uma coisa e outra.

O primeiro aspecto fica claro desde a Apresentação, feita por Edgar De Decca. A utilização da abordagem "foucautiana" permite à autora resgatar a significação da ação disciplinar dos agentes sociais na

produção do cotidiano e da identidade dos trabalhadores, e é a isso que chamei de leitura da história do ponto de vista da educação. A ação disciplinar visa a educar e isso se destaca em toda a leitura da obra. Foram educativas (ou pedagógicas) as iniciativas de moralização, de higienização do espaço (de preservação do espaço), de preservação da infância, de inculcação de valores burgueses, tomadas pelos grupos industriais ou pelo Estado. Foram educativas (ou pedagógicas) as ações de resistência da classe trabalhadora aos intentos do capital, como foram também de auto-educação, constituindo-se como classe que propõe formas de vida próprias e constrói cultura, educação e entidades de resistência política, imprensa etc. Outros trabalhos recentes na área de educação têm buscado desvendar no emaranhado das práticas educativas a sua dimensão educativa, obrigando-a a uma convivência profícua com outras ciências sociais, mais especificamente a História e a Antropologia. Por outro lado, propõe essas questões até hoje afastadas de seu campo de reflexão.

O segundo aspecto fica especialmente claro no capítulo intitulado "A preservação da infância", em que a autora desenvolve temas como a apropriação médica da infância, o problema do menor abandonado e da mortalidade infantil, o trabalho infantil, a resistência dos pequenos trabalhadores. Tendo privilegiado em toda sua pesquisa um certo setor do proletariado (aliás, era esse o seu objeto de estudo), o setor anarquista, Margareth termina esse capítulo trazendo "A pedagogia libertária e a formação do homem novo". Este subcapítulo, ou a matéria de que trata, não pode passar despercebido aos educadores e, muito menos, aos historiadores da educação.

A opção da autora por trabalhar com a história do movimento anarquista e as razões porque este não tem conseguido lugar de destaque na historiografia brasileira mereceriam certamente uma explicitação e uma discussão que não cabem aqui. Fica no entanto a pergunta: não teriam sido essas mesmas razões que acabaram por excluir as propostas de educação anarquistas do universo estudado pelos historiadores da educação? A classe trabalhadora fez muito recentemente seu apareci-

Margareth Rago
**DO CABARÉ
AO LAR**
*A Utopia da
Cidade Disciplinar*
Brasil 1890-1930



mento como protagonista na História da Educação e, desde então, o anarquismo aparece - quando aparece - apenas como um projeto que não deu certo. O material pesquisado por Margareth e exposto nesse subcapítulo, além de constituir ele mesmo uma página importante da História da Educação, propõe-nos questões que vão desde um campo metodológico mais amplo até as específicas de constituição da educação, seus métodos, objetivos, relações com o social, etc., etc., etc. Propõe-nos, enfim, a revisão desses (pré) conceitos e o confronto com problemáticas que demandavam outras soluções e o enveredamento pela história dos problemas. A difícil história problema, de que já falava Febvre, a história dos problemas de que fala Foucault, ao invés da fácil (?) história das soluções.

Aos educadores que desejam embarcar nas águas da história para entender no presente a sua lida diária, reitero os votos da autora de boa viagem.

ELIANE MARTA SANTOS
TEIXEIRA LOPES